

GLITCH

por Glitch Bitch

A contemporaneidade é feita de muitos tempos sobrepostos.

A *internet* e o ciberespaço são, por defeito, a maior realização da contemporaneidade. Uma contemporaneidade, contudo, que carece de síntese e de foco.

O ciberespaço é um universo de coisas emaranhadas, um vórtice inesgotável de eventos e de informações.

A ciberuniversalidade não tem crítica. É uma sucessão de dígitos, de algoritmos, de formulações estandardizadas.

Neste lugar, um discurso político mostra-se ao lado de um filme pornográfico, de um videogame, de um programa de entretenimento. O discurso de um libertário também. Uma imagem de guerra é replicada, distorcida, editada, falsificada e difundida eternamente. Viral. Um lugar sem regras, sem códigos morais, sem lei.

O discurso de um ditador passa a ter um lugar sem mediação nem contextualização. E assim se produz e se reproduz amoralmente. Ganha conforto em mentes desesperadas, ganha significado numa atomização exponencial que ocorre em paralelo no que se costumava chamar de realidade.

Os marginais ganham voz. Os marginais tornam-se centrais nestes microlugares que criam num mundo cujos domínios são imensos, infinitos, sem feudos nem vassalagem. Os marginais são reis.

O mundo real, agora, é feito de dados. Binários: 0,1. Há arquivos e obras de arte específicas para ele. Arquivos digitais, *online*; *net art*, *web art*.

Os arquivos digitais surgem com o fundamento educacional e de público acesso. Coleções de instituições públicas – estatais – inscrevem-se neste espaço repleto de ambiguidades. Coleções

privadas também. As fotografias de cada um são enviadas para pastas numa nuvem virtual. O algoritmo conhece a latitude e a longitude, sabe onde foram tiradas e cria automaticamente uma coleção num acervo disperso. Os vídeos, os documentos e todas as informações são arquivadas.

O Homem moderno depositou uma pia fé na máquina. O polido metal é-lhe caro. O brilho que dela emana ofusca para lá do juízo. Reflete-o, anestesia-o, apaixona-o por si próprio. O prazer da máquina é a gratificação instantânea que Deus deixou de dar ao Homem. A máquina é otimização, é eficiência, é eficácia, é reflexo de uma sociedade positiva que recusa a alteridade. Como refere Byung Chul-Han em *A Salvação do Belo* (2015), «[...] o objeto polido anula qualquer coisa que possa confrontá-lo. Toda a negatividade é assim eliminada.». E, como ainda acrescenta, «[...] o polido não se limita ao aspeto exterior do aparelho digital. A comunicação efetuada por meio do aparelho é igualmente polida e amaciada.». A máquina e o aparelho digital, a *internet*, higieniza tudo, limpa e tira toda e qualquer angulosidade.

Mas, nesta fé, há limites. Os ficheiros corrompem-se por força de um *hardware* defeituoso ou esgotado. Os dados deixam de estar articulados. *Glitch* é o termo usado para a visualização desses dados corrompidos. Uma imagem aparece distorcida não por mão e intenção humanas, mas por limitação, ainda física, de um sistema. Surgem retângulos e quadrados dispersos no reconhecível código de cores vibrantes digitais. As imagens, ou os vídeos, adquirem uma estridência atípica, comprometida com lapsos posicionais e temporais e com imagens espetrais e ondulações ruidosas.

O *glitch*, para além do impressionante e mirífico espetáculo de cores que proporciona, dá lugar ao pânico. O *glitch* é o começo de um esquecimento digital. A memória que o Homem delega à máquina para guardar esgota-se no glitch. O *glitch* (e aqui reside a pertinência da *glitch art*) é a transformação pelo esquecimento digital, sem resolver, contudo, a ansiedade que se forma no Homem ao perceber que as suas memórias, as memórias do seu tempo e as memórias dos tempos antes do seu nem na nuvem digital, virtual, estão a salvo. No léxico da contemporaneidade, o glitch tem vindo a ocupar substancial relevo, ainda que com pouca relevância académica. A contemporaneidade é um tempo de pequenas perturbações, de fragmentos dispersos, por vezes falsos e corrompidos, que se interligam e constroem matérias (reais, imaginárias ou digitais – passou a ser tudo o mesmo, parece) mais ou menos verdadeiras, mais ou menos fidedignas. Em suma, o *glitch* é a constatação da falibilidade digital. O limite a um desejo apolíneo de um mundo criado pelo Homem, a superação pela natureza da inteligência humana. O apolíneo vira dionisíaco. O algoritmo vira dissolução, vira ruína. O *glitch* é o primeiro passo para uma (necessária) arqueologia digital.